

O DISCURSO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Veronica Cunha Barcellos¹ Daniele Simões Borges²

¹Universidade Federal do Rio Grandeo/PPGEC/veronicacunhabarcellos@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grandeo/PPGEC/daniele.uab@gmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte pesquisa de mestrado “O discurso das representações sociais dos professores sobre a avaliação da aprendizagem” de autoria de Veronica Cunha Barcellos. O projeto teve como objetivo investigar e compreender as representações sociais que orientam os entendimentos e ações avaliativas dos professores que atuam na Educação Básica. O aporte norteador da pesquisa foi a Teoria das Representações Sociais concebida por Serge Moscovici. É um estudo de natureza qualitativa e apresentamos aqui análise dos dados que foram organizados e analisados à luz do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, desenvolvido por Lefèvre e Lefèvre.

Palavras-chave: Avaliação; professores, representações sociais, Educação Básica

1. Introdução:

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Na referida pesquisa investigamos o fenômeno da avaliação educacional no contexto escolar a partir do olhar dos docentes. Desse modo, o processo de avaliação é uma prática que merece atenção especial, pois, por meio desse, o professor evidencia a aprendizagem do aluno em relação aos conhecimentos já assimilados e aqueles que necessitam ser retomados durante o processo de ensino-aprendizagem (FERREIRA, 2002). É importante ressaltar que, na maioria das vezes, segundo Tardif (2011), os conceitos que os professores apresentam em relação à avaliação estão associados às experiências que antecederam a sua prática e ou também a fatos que aconteceram durante sua formação, e influenciaram diretamente a sua ação docente. Diante dessa constatação, podemos afirmar que, as reflexões a cerca da representação social sobre a prática avaliativa dos professores está imbricada nas suas práticas, referências e vivências dos docentes, e que esses saberes foram



elaborados socialmente por atravessamentos, simbolismos e interações construídas coletivamente ao longo da sua trajetória. Portanto, intencionamos compreender a avaliação como um fenômeno de representação social. Nesta lógica, Rocha (2001, p. 32) afirma que “os fenômenos da representação social estão espalhados nas ideias e práticas individuais e coletivas, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias de interação social”.

Para realizar este estudo fizemos uso das ideias de Moscovici (2004, p. 72), para ele “a representação social é uma forma de conhecimento prático, elaborado e compartilhado no meio social, contribuindo à construção das visões e interações dos grupos”. Essas interações sociais, de acordo com Jodelet (2001), criam os chamados universos consensuais, nos quais produzimos novas representações, que são comunicadas e passam a fazer parte desse universo, não mais como simples opiniões, mas como verdadeiras teorias do senso comum, facilitando a comunicação e orientando condutas cujos conteúdos manifestam a produção de processos marcados socialmente.

Com base nesses questionamentos temos como objetivo geral investigar e compreender as representações sociais que orientam os entendimentos e ações avaliativas dos professores que atuam na Educação Básica.

2. Metodologia

Este estudo refere-se a uma pesquisa qualitativa conforme afirma Moraes e Galiuzzi (2007, p. 11): “[...] a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação”. Portanto, a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Considerando esta escolha, a produção dos dados da pesquisa foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada, pois possui caráter de interação/relação entre os sujeitos (pesquisador/entrevistador e entrevistado), ampliando as compreensões sobre o objeto de estudo.



Assim delimitamos a produção dos dados empíricos com 8 (oito) professores que atuam na rede pública da Educação Básica do município de São José do Norte, com experiência superior há cinco anos. Acreditamos que o tempo de experiência nos permitiu compreender os entendimentos que emergem da docência e do processo avaliativo, através de pistas sobre os elementos, as crenças e as interações que incidem na sua prática pedagógica.

A partir da produção das informações e da transcrição das entrevistas, utilizamos o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como metodologia de análise. O DSC segundo Lefèvre (2000) é uma técnica de pesquisa qualitativa de análise de dados que tem por finalidade organizar e tabular os dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos individuais para dar voz ao coletivo.

Assim, Lefèvre e Lefèvre (2000) atribuem como tarefa do DSC pesquisar os modos sociais de pensar de um grupo, dos atores sociais e sua subjetividade, possibilitando o acesso às Representações Sociais presentes neste coletivo, num determinado tempo e espaço, reconstituindo a RS, sob a forma de depoimentos coletivos. Assim o DSC é dependente da teoria da RS, mas nem todo o DSC pode ser considerado uma representação social.

3. Análise e Interpretação dos Dados

Da avaliação classificatória à avaliação processual e contínua

Diariamente os professores precisam tomar decisões sobre a organização das aulas e dos alunos: apresentar ou retomar um conteúdo, elaborar exercícios; definir critérios para correção das tarefas; deliberar sobre as estratégias metodológicas que utilizará, entre outros aspectos. Este conjunto de decisões integra o planejamento da prática pedagógica e a avaliação tem lugar fundamental não apenas como uma forma para expressar os resultados dos alunos, mas também como elemento de acompanhamento da aprendizagem.

Nesse sentido, entendemos que a avaliação está para além da racionalidade técnica, de aplicação dos instrumentos de produção de informações, de olhar apenas para o passado. Para Sobrinho (2008, p. 193), avaliar é produzir sentidos “é

prática social, portanto, intersubjetiva, relacional, aberta, polissêmica e carregada de valores, que põe em questão os significados dos fenômenos”.

Assim, pensamos na avaliação como um componente de reflexão que não se encerra, não conclui, não define, “não explica definitivamente, não fecha as significações” (SOBRINHO, 2008, p.197) de uma turma e de seus sujeitos, pois é um processo contínuo. O DSC₁ nos traz alguns entendimentos, pois ele expressa o pensamento dos docentes sobre o processo avaliativo na escola, desde seu ingresso na educação básica:

Quadro1: Discurso do Sujeito Coletivo 1

Discurso do Sujeito Coletivo 1 –: Da avaliação classificatória à avaliação processual e contínua

Eu fui preparado para avaliar, para fazer provas, para dar uma nota ao aluno e torna-lo um número, pois foram as experiências que recebi ao longo da minha vida escolar. No entanto, nem sempre essas avaliações foram justas, pois tinham momentos que eu sabia, mas não era avaliado de maneira correta, ou seja, eu sabia e reprovava, e tinha momentos que eu não sabia tanto e aprovava, porque eram processos estanques. Mas mesmo assim, eu comecei minha jornada como professor avaliando meus alunos através de provas para atribuir notas. Enchia-me de coisas para corrigir, eram pilhas e pilhas de provas, porque na verdade eu estava reproduzindo aquilo que fizeram comigo a vida inteira.

Eu sabia que tinha que considerar o contexto e a realidade dos alunos, mas me deixava levar pelas avaliações dos meus colegas de trabalho, e muitas vezes pela escola que estava trabalhando, portanto eu acho que quem direciona muito a avaliação é a própria escola, representada por sua gestão, pois na maioria das escolas que trabalhei a equipe gestora, representada geralmente pela figura do supervisor pedagógico me orientava como era e como eu deveria realizar a avaliação. Por exemplo, teve uma gestora que disse: “aqui é nota, como é que teus alunos vão ficar com oito se não vem na maioria das aulas dos outros professores? ou “Como é que ele vai ficar com oito na tua disciplina se nas outras ficou com cinco”? Tem algo errado na tua avaliação”. Então a diretora questionava os educadores, “O que tu tá fazendo? Como foi a tua prova? Tu não fizeste prova?” Porque a preocupação dela era exclusivamente com a nota e não com a aprendizagem. Então se fala muito em mudanças da avaliação, da prática, mas na verdade o que ainda está por traz dos sistemas escolares, continua sendo a nota, a aprovação, a classificação. Tu podes até tentar avaliar de forma diferenciada, mas a preocupação recai sempre no resultado final, em medir os alunos, classifica-los em bom ou ruim, se aprovaram ou reprovaram. Assim, mesmo com todas as mudanças na educação e na avaliação, para mim, ainda é muito difícil desvincular a avaliação da prova, até para o aluno fica mais claro, quando tu dizes que vai fazer uma prova, pois ela já está perpetuada no processo avaliativo, as disciplinas mais objetivas, por exemplo, tem uma grande dificuldade de realizar um trabalho diferenciado, e acabam por realizar provas, não consigo pensar em outra forma de avaliar, por exemplo, a matemática, sem ser através de uma prova, até mesmo porque os pais questionam quando eu não faço prova.

Portanto eu vejo a prova como efetivação de uma avaliação formal um documento visível e que sempre fez parte do processo avaliativo, que eu não consigo abrir mão. Mas hoje eu tenho consciência que a prova é um instrumento que faz parte do processo avaliativo, e que a avaliação não pode ser representada apenas através de números, pois ela não é o fim do processo de ensino e aprendizagem, ela vai ser um ponto de referencia para que eu possa refletir sobre meu planejamento, meu trabalho enquanto professor, para que eu perceba o que deu errado e onde eu posso melhorar.

Então avaliação pra mim hoje não são apenas números ou resultados finais, ela me faz refletir sobre a realidade das turmas, ela me leva a conhecer meus alunos, para que eu tente fazer um processo avaliativo diversificado, voltado para realidade de cada turma, pois cada aluno tem um tempo e uma forma diferente de aprender, e isso tem me ajudado a acompanhar seus progressos.

Hoje eu já consigo perceber o que meus alunos compreenderam numa simples conversa, nas observações diárias da sala de aula, e levo em consideração outros critérios para avaliação final, como a participação deles em aula, o interesse, a frequência, o comportamento e disciplina. Assim ao final eu consigo ver se realmente eles aprenderam, se o processo foi justo com eles. Portanto considero minha avaliação processual e contínua, pois ela acompanha todo o trajeto do meu aluno, e diagnóstica, pois avalia tudo que foi realizado ao longo do trimestre, me permitindo alterar sempre o que for necessário para que os alunos aprendam e para que eu atinja meus objetivos.

Fonte: As autoras

O discurso dos professores expressa que a prova contínua sendo o instrumento mais utilizado:

para mim, ainda é muito difícil desvincular a avaliação da prova, até para o aluno fica mais claro, quando tu dizes que vai fazer uma prova, pois ela já está perpetuada no processo avaliativo, as disciplinas mais objetivas, por exemplo, tem uma grande dificuldade de realizar um trabalho diferenciado, e acabam por realizar provas (DSC1).

De acordo com Russel (2014), a prova é um procedimento sistemático formal usado para coletar informações sobre o desempenho dos alunos ou outras

habilidades, e geralmente, seu resultado é representado por números ou conceitos, sendo também vinculada à visão classificatória da avaliação. Nesse sentido, Russel (2014, p. 19) coloca que “a mensuração é o processo de qualificar ou atribuir um número a um desempenho ou traço” e o exemplo mais comum de mensuração na sala de aula é a realização de uma prova, dar nota produz uma descrição numérica para o desempenho do aluno. Para Sobrinho (2008, p. 202) “essas verificações, constatações e medidas são praticadas há alguns séculos e, ainda que cumpram bem os objetivos, não são suficientes para a compreensão de uma realidade tão complexa como a educação”.

O que evidencia, de certo modo, dualidades sobre os elementos pedagógicos da ação docente: a prova como representação social classificatória/ mediadora e a avaliação, como representação de um número/como construção do processo da aprendizagem. No extrato abaixo podemos observar essa visão dualista:

Tu podes até tentar avaliar de forma diferenciada, mas a preocupação recai sempre no resultado final, em medir os alunos, classifica-los em bom ou ruim, se aprovaram ou reprovaram. Assim, mesmo com todas as mudanças na educação e na avaliação, para mim, ainda é muito difícil desvincular a avaliação da prova, até para o aluno fica mais claro, quando tu dizes que vai fazer uma prova, pois ela já está perpetuada no processo avaliativo, as disciplinas mais objetivas, por exemplo, tem uma grande dificuldade de realizar um trabalho diferenciado, e acabam por realizar provas, não consigo pensar em outra forma de avaliar, por exemplo, a matemática, sem ser através de uma prova, até mesmo porque os pais questionam quando eu não faço prova (DSC1).

Segundo Perrenoud (1999) a prova, por exemplo, é uma maneira honesta, mas simplória, pois permite a um aluno que não compreendeu, não trabalhou antes e pouco sabe, poder se tornar um bom aluno após uma prova. Simplificar o processo avaliativo a atribuição de notas para se atingir um resultado final reduz a avaliação ao paradigma de regulação, pois as notas ou conceitos estão lá para expressar o resultado final e são elas que comandam o acesso ao grau seguinte, porque supostamente garantem um nível suficiente de aquisição.

Segundo Perrenoud (1999, p. 68), “reduzir o efeito do sistema de avaliação à preparação para a prova” é algo que precisa ser ultrapassado e repensado pelos docentes que buscam uma avaliação formativa e acreditam em uma aprendizagem efetiva.

Entendemos a prova, também, como um meio de reflexão sobre a qualidade do trabalho pedagógico. Neste sentido, toda prova por mais que reúna

procedimentos essencialmente objetivos contém igualmente aspectos como a imprevisibilidade, as interações, as emoções e as complexidades e significados sociais.

Assim, compreendemos que a avaliação serve de instrumento para o professor repensar sua prática, contribuindo para a mudança da sua ação e de suas concepções, a partir de um olhar interior que se reflete no exterior, na relação professor-aluno, na sua prática pedagógica, no sentido dado por Cunha (1998, p. 82) como “a prática refletida”, concebida em unidade com a teoria, “a ação que subsidia o pensamento para a construção de novas ideias e diferentes intervenções da realidade”.

4. Conclusão

Este artigo buscou investigar e compreender as representações sociais que orientam os entendimentos e ações avaliativas dos professores que atuam na Educação Básica. Buscamos entender quais as representações sociais sustentam os entendimentos dos professores sobre avaliação educacional e como elas se articulam com os demais processos do ensino. Esta escrita foi produzida entrelaçada nos atravessamentos e desassossegos que significamos e produzimos na prática escolar sobre a avaliação da aprendizagem.

E corroboramos na crença de que a formação em avaliação deve ocorrer no chão da escola e que o professor aprende sobre seu ofício refletindo sobre ele, compreendendo-o, teorizando-o, tendo em vista a melhoria do processo ensino aprendizagem.

Referências

- CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1998
- DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação da educação superior**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação Mito & Desafio: Uma perspectiva**
- MAC DONALD, B. C. Problemas na avaliação da aprendizagem escolar. **Revista Educação em Debate**, v. 01, nº 39, ano 21, 2002.
- MELCHIOR, M. C. Avaliação na concepção dos professores. In: **Avaliação Pedagógica: função e necessidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p. 29-55.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- RUSSELL, M.k; AIRASIAN, P. W. **Avaliação em sala de aula: conceitos e aplicações**. 7. ed. Penso: Porto Alegre, 2014